



## A tecelagem artesanal no concelho de Carrazeda de Ansiães. O processo de manufatura e as memórias relacionadas com a produção das tradicionais mantas de lã de ovelha

Isabel Alexandra Lopes<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo aborda-se o processo de manufatura e as memórias relacionadas com a produção das tradicionais mantas de lã de ovelha no concelho de Carrazeda de Ansiães. A produção local de mantas de lã era uma tradição muito antiga, mas em meados dos anos oitenta do Sé. XX acabou por ser reativada por via da constituição de uma cooperativa de artesanato que surgiu em Carrazeda de Ansiães na sequência de um Plano de Desenvolvimento Local apoiado financeiramente por fundos europeus. Este trabalho tenta reabilitar essas memórias, a par da recolha dos conhecimentos e do saber-fazer de duas tecedeiras que são, verdadeiras mestras da arte que encerra este ofício.

Em 2017, fruto da ampliação da exposição permanente do Museu da Memória Rural<sup>2</sup>, iniciámos um conjunto de recolhas relacionadas com o processo de manufatura da tradicional manta de lã de ovelha. A decisão de dedicar o novo espaço a esta arte deveu-se em muito a um vasto conjunto de artefactos relacionados com a tecelagem que se encontravam à guarda da Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães e que eram pertença da antiga Cooperativa de Artes e Ofícios D. Lopo Vaz de Sampaio<sup>3</sup>. Esta cooperativa que funcionou durante alguns anos, num edifício cedido pela Câmara Municipal localizado junto à igreja matriz, teve um importante papel na preservação e na difusão dos conhecimentos relacionados com o tratamento da lã, do linho e da tecelagem no concelho de Carrazeda de Ansiães. Muitos dos conhecimentos hoje existentes resultam da formação ministrada aquando da constituição dessa cooperativa<sup>4</sup>, assim como

1. Arqueóloga do Município de Carrazeda de Ansiães. Responsável técnica pela montagem e gestão do Museu da Memória Rural.

2. O Museu da Memória Rural localizado no concelho de Carrazeda de Ansiães é uma unidade museológica criada em 2013 que tem como objetivo trabalhar temáticas relacionadas com a cultura rural e o património imaterial da região duriense e transmontana. Este é um projeto que concebe como urgente a recolha e o registo para memória futura dos vários elementos da cultura imaterial, como os saberes e técnicas tradicionais, as tradições orais, as tradições artísticas e performativas e as práticas sociais, rituais e festivas.

3. Esta cooperativa foi constituída na sequência de um Plano de Desenvolvimento Local apoiado financeiramente por fundos europeus, no período da pré-adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia (CEE). Estes fundos tinham como objetivo promover a modernização do sector da agricultura e dar formação às pessoas que iam, obrigatoriamente ser confrontadas com novas realidades. O Plano de Desenvolvimento promoveu formação nas seguintes áreas: tecelagem, olaria, calcetaria, bordados e sapataria. Em Carrazeda de Ansiães resultou na criação da Cooperativa de Artes e Ofícios D. Lopo Vaz de Sampaio. As informações reportadas constam de uma entrevista realizada com o Prof. Ricardo Paninho a quem agradecemos disponibilidade e as informações prestadas.

4. Na área da lã a formação foi ministrada pela D. Candidinha, tecedeira de mantas de lã de ovelha na aldeia da Fontelonga e a área do linho teve como mestra a D. Florinda do Pombal. Ambas participaram ativamente nas atividades da cooperativa transmitindo o seu saber

muitos dos objetos relacionados com a tecelagem que hoje estão incorporados no Museu da Memória Rural advém do espólio da cooperativa<sup>5</sup>. Este artigo pretende antes de mais descrever o processo de manufatura das tradicionais mantas de lã de ovelha assim como registar para memória futura as histórias e memórias relacionadas com a arte da tecelagem da lã no concelho de Carrazeda de Ansiães, durante o período designado por contemporaneidade recente que abrange a totalidade do séc. XX. Para este efeito contámos com a colaboração de várias pessoas cuja trajetória de vida se cruzou em algum momento com esta prática artesanal<sup>6</sup>.

A ovelha (*Ovis aries*) foi das primeiras espécies a ser domesticada pelo homem. Desde muito cedo se impôs como um animal doméstico de grande importância ao nível económico e ao nível da alimentação, devido aos produtos e subprodutos que dela são extraídos como a lã, a carne, o leite e o queijo.

Após o processo de domesticação, este animal acompanhou sempre o homem nos diversos roteiros migratórios. Na Península Ibérica a espécie desenvolve-se durante a Idade Média, período em que a sua criação foi intensificada devido às invasões árabes.

No caso português a ovelha fortaleceu-se a partir de dois troncos originais: o *Ovis aries ibericus* e o *ovis aries africanus*.

sobre o tratamento da lã e do linho e da tecelagem tradicional. Esta cooperativa teve o mérito de aliar o elemento da prática tradicional, transposto essencialmente através da utilização da tecnologia, com a inovação que advinha da introdução de novos motivos e cores obtidos sobretudo através da colaboração com artistas locais como o escultor Helder de Carvalho e da utilização da tinturaria com produtos naturais, fruto de uma parceria estabelecida com a Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto.

5. Entre os objetos incorporados destaca-se a presença de um tear horizontal que foi alvo de um complexo processo de restauro pelo Gabinete de Restauro do Museu do Douro. Este objeto é uma peça magnífica que num futuro próximo deverá ser alvo de estudo no sentido de determinar o seu contexto original assim como a sua vida e história anterior à entrada no museu privilegiando a vertente imaterial do objeto.

6. Ao longo dos últimos anos temos vindo a recolher, ainda que a título informal, várias informações de pessoas que trabalharam nesta arte. Este facto contribuiu para estabelecer um conjunto de dados que serviram de base para a redação deste artigo.

Segundo a Sociedade Portuguesa de Ovinotecnia e Caprinotecnia, “a criação de ovinos em Trás-os-Montes tem nas suas origens dois grupos distintos que se distribuíam nas chamadas Terra Quente e Terra Fria, respectivamente o badano e o galego.”<sup>7</sup>

Na área da Terra Quente vamos encontrar a “Churra da Terra Quente” proveniente da fusão das raças Badana com a Mondegueira<sup>8</sup> enquanto que, na zona da Terra Fria, vamos encontrar dois subgrupos provenientes da raça Galega a “Churra Galega Bragançana” cuja disseminação se encontra essencialmente nos concelhos de Vinhais, Bragança, nordeste de Macedo de Cavaleiros e norte de Vimioso e a “Churra Galega Mirandesa” predominante nos concelhos de Miranda do Douro, Mogadouro e Sul de Vimioso.

A estreita ligação ao meio e aos sistemas de exploração agrícola característicos da região transmontana, conferem à raça Churra da Terra Quente, uma rusticidade e uma longevidade capazes de gerarem as características próprias de uma raça autóctone. Atualmente existe um efetivo total de cerca de 200.000<sup>9</sup> animais que se encontram dispersos pelos concelhos de Macedo de Cavaleiros, Mirandela, Vila Flor, Torre de Moncorvo, Mogadouro, Alfândega da Fé, Freixo de Espada à Cinta, Vila Nova de Foz Côa e Carrazeda de Ansiães<sup>10</sup>.

7. Dados extraídos do site da Sociedade Portuguesa de Ovinotecnia e Caprinotecnia, Recursos Genéticos – Ovinos, Churra da Terra Quente - História disponível em <http://www.ovinosecaprinos.com/terraqhistoria.html>.

8. Na zona da Terra Quente Transmontana, em 1870 o gado Badano possuía 226.356 animais e em 1940 tinha decrescido um pouco, atingindo os 209.500 exemplares. Só a partir das décadas de 50/60 do séc. XX é que se assistiu a um processo de cruzamento com a raça Mondegueira, com o objectivo de aumentar a produtividade de carne e de leite. O resultado levou à quase extinção da raça Churra Badana que nos dias de hoje está limitada a cerca de 3.000 exemplares, Dados extraídos do site da Sociedade Portuguesa de Ovinotecnia e Caprinotecnia, Recursos Genéticos – Ovinos, Churra da Terra Quente – História, disponível em <http://www.ovinosecaprinos.com/terraqhistoria.html>

9. Dados extraídos do site da Sociedade Portuguesa de Ovinotecnia e Caprinotecnia, Recursos Genéticos – Ovinos, Churra da Terra Quente - História disponível em <http://www.ovinosecaprinos.com/terraqhistoria.html>

10. Em Carrazeda de Ansiães atualmente existe um total de 56 explorações ativas de pequenos ruminantes que perfaz cerca de 3000 animais com uma grande predominância de gado ovino, dados disponibilizados pela Opp de Vila Flor /Carrazeda de Ansiães



Fig. 1 Apernar. Foto: Leonel de Castro (Arquivo Museu da Memória Rural)

## 1. O Processo tecnológico de manufatura das mantas de lã de ovelha

A descrição do processo de manufatura das mantas de lã de ovelha no concelho de Carrazeda de Ansiães foi elaborada através do registo das memórias da D. Maria do Prazeres, tecedeira de mantas de lã de ovelha e tapetes de farrapos, na aldeia das Selores, durante mais de meio século. São as suas memórias, o seu conhecimento, o seu “*saber fazer*” que constitui a base deste artigo assim como a suporte da exposição patente na Sala da Lã do Museu da Memória Rural. Durante vários dias, a D. Prazeres relatou para as nossas câmaras a sua história de vida, assim como o seu conhecimento da arte da tecelagem, permitindo uma reconstituição fiel de todo o método de tratamento da lã, produção artesanal dos fios para a teia do tear e para a trama, assim como todo o processo de montagem da teia no tear e o fabrico artesanal da manta. Além das entrevistas elaboradas que tiveram como objetivo o registo de todo o processo tecnológico relacionado com a produção das mantas foi também realizado um minucioso registo fotográfico, áudio e vídeo dos gestos, sons, expressões orais e vocabulário relacionadas com a arte da tecelagem no concelho de Carrazeda de Ansiães<sup>11</sup>.

11. O registo fotográfico das diferentes fases do processo de tratamento da lã e da produção das mantas de lã de ovelha ficou a cargo do fotógrafo Leonel de Castro, o registo áudio e vídeo que resultou na vídeo Lã, patente no Museu da Memória Rural e disponibilizado no site [www.museudamemoriarural.pt](http://www.museudamemoriarural.pt) foi realizado por Luís Pereira.

### 1.1. Da lã ao fio

#### 1.1.1. A tosquia

O primeiro passo para a obtenção do fio de lã passa pela tosquia do animal. A tosquia é um processo realizado anualmente pelos tosquiadores por altura da primavera. Este é um elemento fundamental para garantir o bem-estar da ovelha durante o verão<sup>12</sup> assim como obter a lã que durante vários séculos teve um importante papel económico na confeção de vestuário e de agasalhos.

A tosquia manual<sup>13</sup> é um procedimento bastante simples e era efetuado tradicionalmente com recurso a poucos objetos como uma tesoura de tosquia, uma pedra de afiar e um perneiro.

Na tosquia manual o primeiro ato consiste em imobilizar o animal, o chamado “*apernar*”. Para isso o tosquiador mune-se de um barço de cabedal denominado de perneiro e com ele ata simultânea

12. A tosquia tem também uma função reguladora da temperatura do corpo do animal, principalmente no verão e em regiões marcadas por fortes canículas, permitindo um processo de higienização ao eliminar acumulações de sujidades naturais no velo e na zona genital, onde existe uma propensão para a concentração de fezes e urinas que poderão ter repercussões negativas na saúde do animal.

13. Para o registo da técnica utilizada na tosquia manual contamos com a colaboração do sr<sup>o</sup> Manuel Pinto Fonseca que se disponibilizou para realizar uma demonstração da tosquia com tesoura. O sr<sup>o</sup> Manuel Fonseca ainda hoje realiza a tosquia manual a algumas dezenas de animais no concelho de Carrazeda de Ansiães, essencialmente a pequenos rebanhos, uma vez que, pelos números de animais envolvidos, não se torna viável recorrer aos serviços de um tosquiador mecânico.



Fig. 2 Tosquia manual. Foto: Leonel de Castro (Arquivo Museu da Memória Rural)

e vigorosamente as quatro patas do animal. Findo este trabalho, ele inicia o processo de tosquiar propriamente dito que é sempre executado com tesouradas repetitivas curtas e pausadas. Durante este procedimento, o tosquiador vai libertando lentamente do corpo da ovelha da matéria-prima que depois de um intenso processo transformador será convertida em manta de agasalho ou em peça de vestuário.

Depois de ter percorrido com tesouradas certas todo o corpo da ovelha, soltando para o chão o volume da lã em bruto, segue-se a “*desbordagem*”, uma ação que consiste em libertar o *velo*<sup>14</sup> das partes sujas ou de má qualidade que se localizam essencialmente na zona baixa da ovelha, pernas, virilhas e cauda.

14. Totalidade da lã que se obtém do animal após a tosquia

Acabada a operação, o tosquiador procede ao “*enrolamento do velo*”, isto é, recolhe toda a lã deramada e num gesto traquejado forma uma longa tira, com a lã voltada para o interior, que se estica entre a altura cabeça e a altura dos joelhos, sendo de imediato torcida num enrolamento certo que ata solidamente o velo, para poder ser transportado e armazenado.

#### 1.1.2. Escaldar a lã

Após a tosquia era necessário principiar o processo de limpeza da lã. Esse processo iniciava-se com o “*escaldar*”, que geralmente era efetuado ao ar livre e junto a um curso de água. Em primeiro lugar acendia-se a fogueira e sobre esta era colocado um pote de ferro com água. Quando a água estivesse a ferver era retirada da fogueira e era adicionada à lã, que se encontrava já colocada dentro de um grande recipiente de metal. A lã era então mexida



Fig. 3 Escaldar a lã. Foto: Leonel de Castro (Arquivo Museu da Memória Rural)

muito suavemente com a ajuda de um objeto de madeira, geralmente um pau alto e grosso de forma a libertar lentamente o ludro que foi acumulado no pêlo do animal durante o inverno.

#### 1.1.3. Lavar

Após o escaldão, a lã era colocada em canastras e era lavada num curso de água corrente. A “*lavagem*” era um processo moroso que envolvia a separação da lã em bocados grandes e a sua colocação em canastras dentro do curso de água. A lavadeira começava então o seu trabalho que incluía separar cuidadosamente as mechas de lã, libertá-las de alguma sujidade mais grosseira que ainda se encontrava agarrada e esfregá-la, geralmente numa pedra lisa apoiada no leito do ribeiro. Para a lavagem utilizava-se o sabão. Findo este processo a lã era colocada a secar num local quente e arejado.

#### 1.1.4. Escremeear

O “*escremeear*” consistia no abrir a lã cuidadosamente com os dedos e prepará-la para a fase seguinte que consistia no alinhamento das fibras, a cardagem. Durante este ato a lã era mais uma vez inspecionada e limpa de todas as impurezas que ainda pudesse conter após a lavagem.

#### 1.1.5. Cardar

A “*cardagem*”<sup>15</sup> é um processo que consiste em desenrçar, abrir e alinhar as fibras de lã de forma a gerar o manelo ou a pasta, lã macia e fofo utilizada no processo da fição. Para este efeito é utilizado um

15. Pela dureza que implicava, a cardagem era muitas vezes um trabalho que cabia ao homem da casa. Após a realização dos trabalhos agrícolas, geralmente ao serão, os homens auxiliavam as mulheres na preparação da lã executando especialmente esta tarefa.



Fig. 4 Escremeiar. Foto: Leonel de Castro (Arquivo Museu da Memória Rural)



Fig. 5 Cardar. Foto: Leonel de Castro (Arquivo Museu da Memória Rural)

par de cardas, que são essencialmente duas escovas em madeira de formato rectangular com uma das superfícies revestida por uma membrana de cabedal onde foram aplicados finos dentes metálicos. As cardas são sempre utilizadas em pares simétricos da seguinte forma: uma das cardas é colocada sobre as pernas e firmemente segura com uma das mãos, nesta carda é depositada uma pequena quantidade de lã, já escremada, que vai sendo trabalhada através de movimentos repetitivos de alisamento executados com a outra carda que vai endireitando e ordenando progressivamente as fibras de lã. Este processo é repetido diversas vezes e as fibras vão sendo transferidas de uma carda para a outra até que o manelo ou pasta formado e esteja em condições de ser fiado. Para que a cardagem fosse mais eficaz era muita das vezes colocado azeite nas cardas. A utilização do azeite permitia um maior alisamento das fibras assim como deixava as cardas mais fáceis de manobrar.

#### 1.1.6. Fiar (preparação do fio para a teia)

Depois de cardada, a pasta é transformada num fio fino e resistente através do processo de fição manual que é executado com o recurso à roca e ao fuso. A fibra solta da lã já cardada é atada à roca através de uma correia colocada acima do roquil. Com uma das mãos o fio começa a ser produzido através de movimentos de torção e enrolamento. Com a outra mão o fio é preso na parte superior do fuso, onde se vai acumulando, através de movimentos circulares contínuos, até formar uma maçaroca.

Em Carrazeda de Ansiães as rocas mais frequentes são as construídas com canas<sup>16</sup>. São entendidas como objetos utilitários bastantes simples sem a

<sup>16</sup> As rocas utilizadas são as rocas tipo Ca de acordo com a Catalogação estabelecida por (1991) "Tecnologia Tradicional Portuguesa, O Linho", Lisboa: 2ª edição, Instituto Nacional de Investigação Científica, p. 85 a 87

aplicação de qualquer tipo de elemento decorativo. As canas são abertas de forma a produzir um roquil<sup>17</sup> constituído por apenas um bojo que geralmente é cortado em quatro aduelas que são arqueadas pela introdução de um ciso. Na parte superior da roca é colocado um baraço de fio ou uma corrente de cabedal que é utilizada para prender a pasta de lã à roca e facilitar o trabalho de fição. O fuso de madeira é também bastante simples e sem decoração, geralmente constituído por apenas um elemento, a haste, de formato cónico que pode possuir no remate inferior a aplicação de um camarão metálico.

<sup>17</sup> Relativamente à nomenclatura e terminologia utilizada para a descrição da roca e fuso foi utilizada a que consta dos levantamentos realizados por Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano Benjamim Pereira (1991) e estão publicados na "Tecnologia Tradicional Portuguesa, O Linho", 2ª edição, Lisboa.

#### 1.1.7. Dobar

Após a fição o fio produzido e enrolado no fuso de madeira é transferido manualmente para um novelo através do ato da "dobagem". Este elemento é fundamental na produção dos vários novelos que vão ser utilizados no noveleiro durante a urdidura da teia.

#### 1.1.8. Caneleiro (Preparação do fio da Trama)

O fio destinado à trama da manta tem uma preparação distinta do da teia. Enquanto que a teia é fiada, com recurso a uma roca e um fuso, e resulta na obtenção de um fio mais fino, o fio da trama, mais grosso e resistente é preparado num caneleiro

O caneleiro manual é um aparelho bastante simples, composto por uma placa de madeira que serve de base a uma estrutura de metal constituída por dois suportes que são atravessados na perpendicular



Fig. 6 Fiar. Foto: Leonel de Castro (Arquivo Museu da Memória Rural)

lar por um eixo de ferro pontiagudo, na extremidade que se prolonga para além da haste de suporte. Junto a um dos suportes encontra-se agregado um volante giratório que permite agilmente manobrar o caneleiro<sup>18</sup>. no sentido de lhe criar o movimento circular e consequentemente a torção e a obtenção do fio.

O processo de fabrico do fio da trama é simples com a mão direita a tecedeira enrola o fio na ponteira do caneleiro enquanto que, a mão esquerda serve para colocar o eixo de metal em movimento. Através de movimentos repetitivos de puxar lã vai-se formando no caneleiro um fio de lã de espessura considerável. O enrolamento consecutivo permite a

18. O caneleiro utilizado pela D. Prazeres ao longo de toda a sua vida é um caneleiro do tipo 1b de acordo com a catalogação utilizada por OLVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamin (1991) “*Tecnologia Tradicional Portuguesa, O Linho*”, Lisboa: 2ª edição, Instituto Nacional de Investigação Científica, p. 144.

obtenção de uma maçaroca de lã fofa e espessa que irá ser utilizada no processo de tecelagem.

## 1.2. Urdir

A urdideira é um aparelho<sup>19</sup> que consiste numa armação de prumos e tornos fixos que são colocados na parede e servem para separar as duas séries de teias que posteriormente serão transpostas para o tear. A operação de “*urdidura*” prepara os fios, “*urdume*”, para os dispor no tear paralelos entre si, com iguais comprimentos e separados por duas séries que, descendo e subindo de forma alternada permitem

19. A urdideira utilizada foi uma urdideira do tipo fixo constituída por duas tabuas dispostas paralelamente entre si e com vários toros de madeira cravados à mesma distância (catalogação do tipo de urdideira de acordo com a terminologia utilizada por OLVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamin, (1991) “*Tecnologia Tradicional Portuguesa, O Linho*” 2ª edição, Lisboa, p. 138



Fig. 7 Dobar. Foto: Leonel de Castro (Arquivo Museu da Memória Rural)

o cruzamento com trama. A urdidura é de extrema importância pois é nela que se define a dimensão da teia que se sequeu tecer, quer em comprimento quer em largura<sup>20</sup>.

No início da “*urdidura*” colocam-se os novelos no interior do noveleiro<sup>21</sup> e as pontas dos fios dos novelos são passadas através da palheta ou espalhadeira<sup>22</sup>. A palheta é uma peça de madeira em forma de raquete com 6 orifícios circulares que se destina a manter os fios da urdidura separados.

Após esta operação as pontas dos fios são atadas conjuntamente e enfiam-se no primeiro torno da

20. A largura é dada pelo número de linhões.

21. Noveleiro é um caixote de madeira com 6 compartimentos que serve para conter e separar os novelos utilizados no processo de urdidura. Geralmente é colocado no chão junto à urdideira.

22. Palheta, nome dado pela D. Maria dos Prazeres à peça em forma de raquete que é utilizada para separar os fios da urdidura, já a D. Fátima Gomes de Lamas de Orelhão denomina a peça de espalhadeira.

urdideira, posteriormente separam-se os fios em duas séries cruzando-os com os dedos polegar e indicador. Esse cruzamento é depois transposto para os tornos da urdideira. Os fios do polegar passam para o torno do meio e os do indicador para o torno de fora. Concluído o cruzamento, os fios são lançados longitudinalmente de torno a torno de um prumo ao outro em várias voltas, conforme o comprimento da teia que se quer obter, até ao último torno inferior onde se efetua o cruzamento.

## 1.3. Carregar o Tear

Após a “*urdidura*”, as extremidades são atadas com um cordão que tem como objetivo manter a posição do cruzamento dos fios efetuados na urdideira. Nesta operação os fios são cuidadosamente extraídos da urdideira pela tecedeira que inicia a retirada pelo torno superior, enrolando o conjunto de fios em volta da mão e mantendo sempre segura nesta a ponta inicial.

Com esta operação a tecedeira irá formar uma longa trança que é colocada no tear.

Os fios são transpostos para o tear e enrolados no órgão da frente com o auxílio de uma vara de madeira denominada de compostouro, a qual é introduzida no primeiro intervalo dos fios cruzados. Após esta operação, a tecedeira vai buscar o restelo, espécie de pente ou tábua com dentes e com ele procede à separação dos linhões colocando um entre cada dente do restelo. Após esta tarefa, a tecedeira inicia o processo de enrolamento da teia no órgão da frente. O enrolamento deve ser efetuado de forma a que esta fique bem apertada, daí que seja necessário a colaboração de duas pessoas, uma a segurar a teia e a outra a enrolá-la. Seguidamente é necessário separar as teias, iniciando-se o processo de “*empeirar*”, separar os fios das duas teias, os pares e os ímpares, passando-a pelo olho do liço de forma a produzir duas séries.

Após a conclusão deste processo os fios são passados pelos dentes do pente e atados a vara que apoia o órgão de trás.

#### 1.4. Tecer

É no tear que se realiza o cruzamento dos fios que vão formar o tecido. Existem dois tipos de fios que são trabalhados no tear. Um, a teia ou o fio da urdidura, corre longitudinalmente ao comprimento do tear, surgindo separado em duas séries: os pares e os ímpares; o outro é o fio da trama que vai passar entre os fios das duas séries da urdidura no sentido perpendicular aos mesmos, da direita para a esquerda e, alternadamente, da esquerda para a direita<sup>23</sup>. As peanhas<sup>24</sup> do tear permitem que os fios da urdidura sejam movimentados de forma alternada para fazer o cruzamento entre as duas séries de teias e a trama, criando dessa forma o tecido.

23. A tecedeira não utiliza qualquer tipo de objeto para passar a trama pelo intervalo das teias da urdidura é a própria maçaroca de lã que cumpre esse papel.

24. Em Carrazeda de Ansiães os pedais do tear são chamados de peanhas enquanto que em Lamas de Orelhão já lhes é atribuída a denominação de espremedeiras.



Fig. 8 Maria dos Prazeres. Foto: Leonel de Castro (Arquivo Museu da Memória Rural)



Fig. 9 (em cima) Palheta e noveleiro. Foto: Leonel de Castro (Arquivo Museu da Memória Rural)

Fig. 10 (em baixo) Urdir. Foto: Leonel de Castro (Arquivo Museu da Memória Rural)

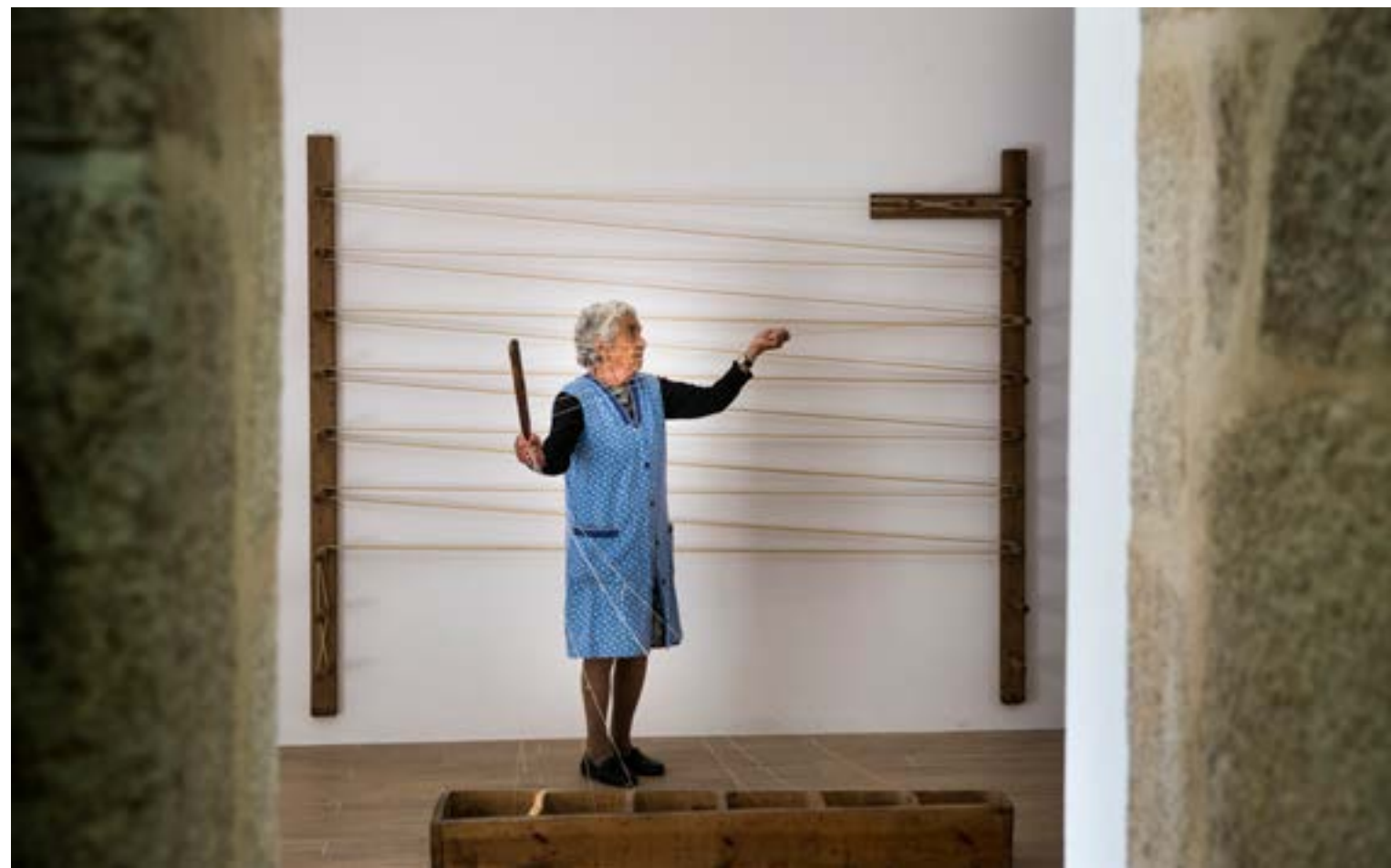




Fig. 11 (em cima) Urdir. Foto: Leonel de Castro (Arquivo Museu da Memória Rural)

Fig. 12 (em baixo) Empeirar. Foto: Leonel de Castro (Arquivo Museu da Memória Rural)

Fig. 13 (em cima) Passar o fio da teia pelo pente. Foto: Leonel de Castro (Arquivo Museu da Memória Rural)

Fig. 14 (em baixo) Tecer. Foto: Leonel de Castro (Arquivo Museu da Memória Rural)



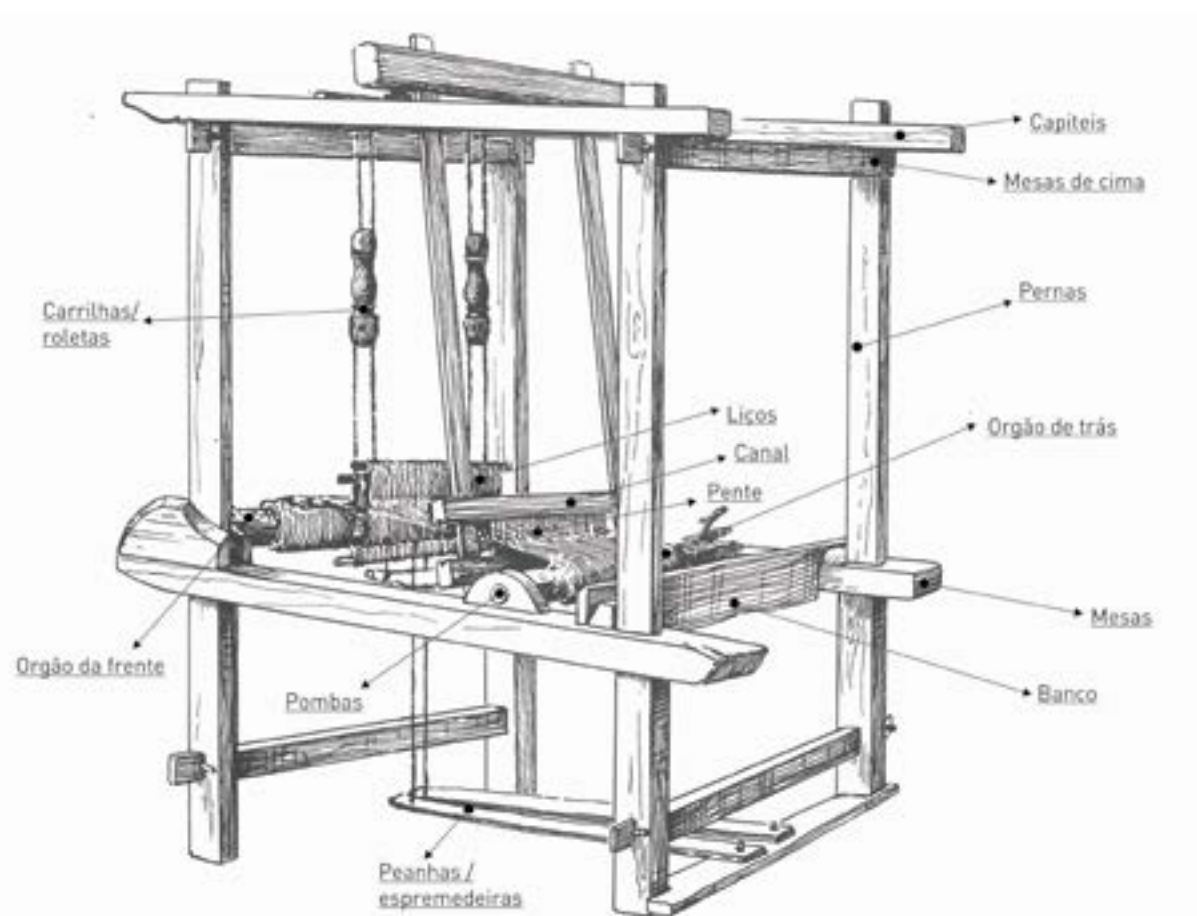


Fig. 15 Imagem extraída da obra "Tecnologia Tradicional Portuguesa. O Linho"

É difícil de determinar com exatidão a origem do tear. Construído em materiais perecíveis, escassos são os vestígios arqueológicos que subsistiram. O conhecimento sobre a longa história deste aparelho provém sobretudo da iconografia da antiguidade oriental. As imagens mais antigas de teares horizontais surgem num selo da mesopotâmia e numa pintura cerâmica do Egipto e estão datadas de cerca de 3500 a.C.<sup>25</sup>. Os teares verticais são um pouco posteriores, surgindo a representação dos primeiros exemplares também na civilização egípcia por volta de 1500 a.C.

A presença de pesos de tear em contextos arqueológicos do território português remonta à pré-história. O Calcolítico revela-nos conjuntos de pesos de tear espelhados um pouco por todo o país, traduzindo a importância da tecelagem desde os tempos mais remotos.

Entre o calcolítico e o período romano republicano assiste-se a uma lacuna no tempo que poderá ser explicada pelas alterações tecnológicas nos teares. Neste hiato temporal poderão ter sido adotadas um conjunto de alterações tecnológicas relacionadas com o tear horizontal que não necessitava de pesos, o que leva à sua raridade nos contextos arqueológicos deste período. Contudo, entre o século II a.C. e meados do século I a.C. o cenário inverte-se, surgindo novamente pesos de tear em vários contextos arqueológicos do território nacional, deixando supor a hipótese do tear vertical ser novamente utilizado.

O tear de pedais ocidental, tal como o conhecemos hoje, de tipo horizontal e com dois ou mais liços accionados por pedais, está estritamente relacionado com a utilização da roda de fiar, podendo ambos ter surgido em finais do séc.XII. Esta associação de inovações vai permitir um aumento da produção de tecido, levando a uma significativa transformação das técnicas têxteis e a um exponencial desenvolvimento da produtividade produtividade.

25. OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamin (1991) "Tecnologia Tradicional Portuguesa, O Linho", Lisboa: 2ª edição, Instituto Nacional de Investigação Científica, p. 119, 122 e 126.

## 2. Memórias de uma Tecedeira

Na segunda parte deste artigo concentramo-nos no fator humano, mais especificamente nas memórias e histórias de duas tecedeiras que dedicaram toda a sua vida a esta arte. A Dona Maria dos Prazeres, atualmente com 90 anos, foi tecedeira de mantas de lã de ovelha e de farrapos, durante mais de 50 anos, numa aldeia do termo de Carrazeda de Ansiães, a aldeia das Selores; a Dona Fátima Gomes, natural e residente na aldeia de Lamas de Orelhão, concelho de Mirandela, ainda hoje se dedica a esta arte. Para Memória Futura foram realizadas entrevistas com essas duas senhoras, material audiovisual que deu entrada como espólio no Museu da Memória Rural, e que após um tratamento prévio de edição obtivemos as transcrições que serão resumidas nos parágrafos que se seguem. Salientar que a quase totalidade dessas entrevistas podem ser visualizadas diretamente a partir dos códigos QR impressos neste texto.

**Nome:** Maria dos Prazeres

**Idade:** 90 anos

**Local de Nascimento:** Belver/Carrazeda de Ansiães

**Local de Residência:** Selores/ Carrazeda de Ansiães

O ofício de tecedeira é uma prática cultural exclusivamente realizada por mulheres que geralmente se principiavam na arte ainda crianças. A aprendizagem praticava-se muitas vezes no próprio contexto familiar, já que mães e avós eram também elas tecedeiras e iniciavam a atividade na arte logo que conseguissem chegar ao tear. Este processo de discipulado não era o único uma vez que também existiam as chamadas "mestras" tecedeiras que recebiam em sua casa as aprendizas e que lhes ensinavam todos os segredos da arte. No caso da nossa entrevistada Maria do Prazeres foi desta forma que aprendeu.

"Eu queria aprender a costurar, mas a minha mãe começou a dizer que uma máquina custava muito dinheiro e o que valia mais era aprender a tecer. "... Eu espantei logo ... eu não quero ser tecedeira de farrapos velhos"

Mas a sua mãe insistiu deslocando-se inclusive à localidade de Aregos com o intuito de adquirir o tear que iria servir para Maria dos Prazeres aprender a arte da tecelagem. Ela tinha cerca de 12 anos quando começou a tecer e aprendeu a arte com a D. Candidinha da Fontelonga.

"Foi com ela que eu aprendi, e ela começou a brincar comigo, ela fazia um cobertor e no outro dia fazia quase dois, eu também não ficava atrás depois que aprendi quando fazia já punha o pé à frente, a minha mãe pagava-lhe para eu aprender e assim aprendi em 3 meses".

Dona Prazeres conta ainda como era efetuado o trabalho. O freguês dava a lã, isto é, trazia a lã que era necessária para realizar a encomenda, que vinha já lavada, depois ela escremeava, cardava e separava a lã que era necessária para realizar a teia e levava-a à aldeia vizinha, à Lavandeira, onde tinha algumas senhoras que nas horas de lazer fiavam para ela.

"...a lã já ma davam lavada, já vinha lavadinha e pronta era só depois escremeá-la e cardá-la e depois fiar era só levar um quilo dela, cada cobertor... acho que era meio quilo para cada cobertor"

"Eu tinha umas fiadeiras na Lavandeira umas senhoras muito antigas... Então eu ia lá levar a lã e elas davam a lã fiada para eu pôr no tear, depois começou a já não haver lã nem tecedeiras, elas começaram a ganhar e não quiseram mais fiar, e então nessa altura eu mandava a lã para a fábrica e a fábrica em vez de me mandar lã fiada mandava-me fioco, e eu não estava para estar a enganar o freguês, porque eu queria a lã, a lã que eu mandava que na fiassem e que ma mandassem fiada, mas não era fioco e então eu deixei de tecer."

A preparação da lã para a trama era realizada pela própria no caneleiro, no baixo de sua casa onde tinha uma espécie de oficina de tecelagem com uma urdideira e um tear.

"O meu era um tear grande que era dos cobertor. Eu fazia um cobertor inteiro os mais pequenos apenas fazem aquelas tirinhas.... eu fazia as mantas com farrapos, tiras, e a lã eu tingia a lã com amarelo, cor-de-rosa ou vermelho, comprava a tinta e tingia e depois fiava no caneleiro, cardava e escremava e cardava como a lã branca e depois ao estar a



trabalhar metia um fio de lã e com um dedo puxava aqueles borbotinhos para cima, ficavam mantas tão lindas, aos quadrados, às flores eu fazia de toda a maneira.”

A maioria dos seus dias eram passados a tecer tendo chegado a produzir um cobertor por dia. Os fregueses, como lhes chamava, vinham de muitos lados, inclusive de fora do concelho de Carrazeda de Ansiães.

“Depois de o tear estar bem, faço num dia (um cobertor)... o que dava mais trabalho era fiar aquelas maçarocas no caneleiro e depois era enfiar.”

“... tinha muitas freguesas de Samões... vinha muita gente também de Mirandela e Freixiel, eu levava uma besta e vinha com ela carregada de (lã), outros traziam (a lã) para a feira daqui e eu levava os sacos de lã para casa e depois ia lá levar os cobertores feitos, prontinhos”.

Além dos cobertores de lã, a Dona Prazeres também fazia tapetes e mantas de “tiras”. Estas mantas eram confeccionadas com tiras de roupa usada que era cortada e utilizada no tear como trama, sendo estes tapetes ou cobertores muitas vezes urdidos com o fio de algodão.

**Nome:** Fátima dos Santos Medeiro Gomes

**Idade:** 64 anos

**Local de Nascimento:** Lamas de Orelhão/Mirandela

**Local de Residência:** Lamas de Orelhão/Mirandela

Descreve-se como uma tecedeira especializada no fabrico de carpetes, tapetes e cobertores de lã de ovelha tudo em cores naturais. Dona Fátima cedo aprendeu o ofício como refere nos depoimentos que nos concedeu.

“... Ainda estava na barriga da minha mãe e já sabia fazer porque a minha mãe saiu do tear para eu nascer, vejam só. É uma arte que já vem de família, a minha avó e a minha mãe já eram tecedeiras... (Elas fabricavam) as mantas das camas, que na altura não havia outras, trabalhavam para várias terras, todas as aldeias do concelho e não só”.

Dona Fátima sempre trabalhou nesta arte desde tenra idade, ainda andava na escola e já ela e o irmão ajudavam na economia familiar realizando pequenas

tarefas relacionadas com o processo de tratamento da lã.

“Antigamente, logo que eramos pequenos iniciavam-nos no processo de abrir a lã, depois começávamos a aprender com o fuso, a fiar que era mais demorado, pois as mães com o tear não nos deixavam, tinham medo que estragássemos o tecido, depois íamos para a escola e vínhamos da escola, era eu e outro irmão, havia mais, mas na altura eramos os dois..., ele cardava e eu fiava a lã para fazer um cobertor e depois íamos fazer os deveres da escola... assim fui aprendendo a urdir e a tecer... aos bocadinhos ...a fazer os cobertores... depois mesmo a sério foi aos 31 anos. Desde 87 até hoje ainda trabalho. Trabalhei em França em tecelagem, tanto eu como o meu marido, o meu marido também é filho de tecedeira, trabalhámos lá os dois em teares mecânicos”.

Com o regresso a Portugal Fátima Gomes e o marido montaram uma pequena oficina de tecelagem na casa onde habitam. Para que tudo esteja a operar nas devidas condições conta com a indispensável ajuda do marido nas tarefas relacionadas com o funcionamento dos teares. Os teares são compostos em casa, é “*tudo em casa*” como orgulhosamente afirma Fátima. Neste campo, o seu marido domina há vários anos todos os segredos de como arranjar as peças dos teares e dos outros utensílios utilizados na arte da tecelagem, sendo que muito raramente recorrem ao carpinteiro para compor ou fazer as peças que necessitam para que os teares continuem a trabalhar em perfeita normalidade.

A sua oficina é composta por dois espaços, uma sala onde funcionam os teares e um outro espaço dedicado exclusivamente às tarefas relacionadas com a preparação da lã para a tecelagem. É também aí onde armazena a lã adquirida já em fardos ao lavadouro. Antigamente era tudo feito manualmente, chegou a ter cinco mulheres para a ajudarem nas tarefas de preparação da lã, onde cada uma fazia a sua tarefa, lavar, abrir, cardar e fiar; nos dias de hoje, para o negócio ser rentável, adquiriu alguma maquinaria, uma cardadeira e um caneleiro semi-manuais, que facilitam consideravelmente a sua tarefa.

A lã para a teia é comprada à fábrica, só utiliza lã pura de ovelha que escolhe e manda tecer espe-



Fig. 16 Fátima Gomes, tecedeira de Lamas de Orelhão

cificamente para os seus trabalhos. Nos tempos da mãe, como relembra, em Lamas de Orelhão eram 25 tecedeiras e todas faziam cobertores. O fio da urdidura era fiado nas aldeias vizinhas. “*Atravessamos a serra para o lado de lá... íamos no domingo no burro e levávamos a lã lavada e depois as senhoras da aldeia do lado de lá da serra à noite fiavam, no outro domingo íamos buscar ...era assim*” conclui.

A experiência de anos no trabalho com a lã ensinou-a a tirar partido das características naturais deste produto. Houve alturas em que chegou a tingir, mas hoje já não o faz, dizendo preferir utilizar as tonalidades naturais das fibras para personalizar os seus trabalhos. A lã do cordeiro que outrora era considerada um produto menos nobre pelas tecedeiras devido à dificuldade que criava durante o processo de lavagem, hoje é valorizada por Fátima Gomes, porque “*fica muito bonito*” devido à tonalidade mais escura e ao aspeto matizado que confere às peças. Também produz peças em que

mistura a lã da ovelha preta e branca e quanto à raça de ovelha diz utilizar a lã da churra Badana e da ovelha merina.

Presentemente com a diminuição do número de explorações de gado ovino em Trás-os-Montes tornou-se mais difícil arranjar a lã em quantidade e qualidade. Antigamente, como refere, no “*caso dos cobertores eram as pessoas que traziam a lã para fazer, atualmente eu já não trabalho assim, já sou eu que ponho a lã e vendo a peça no final*”, salienta.

Acentua também que nesse tempo “*era uma necessidade termos cobertores para nos cobrirmos, hoje essa necessidade já não existe; hoje servem de tapete e qualquer pessoa passa sem tapete... agora só quem gosta é que procura. Os meus clientes são 31 anos de publicidade, eu já percorri Portugal de Norte a Sul, já precisava de descansar já não vou ter com eles, são eles que vêm ter comigo*”.

A qualidade do produto e a autenticidade do seu trabalho são o seu cartão de visita, e como diz

### 3. A lã em Palavras (terminologia da lã)

**Caneleiro:** aparelho composto por um eixo de ferro e um volante giratório que permite produzir o fio utilizado como trama.

**Cardas:** escovas grandes de forma rectangular, forradas por uma placa de cabedal que possui dentes metálicos e que são utilizadas para cardar a lã. Costumam ser utilizadas aos pares.

**Cardagem:** Processo de preparação lã para a fição que consiste em escovar a lã de forma a abrir e alinhar as fibras. Tradicionalmente a lã era cardada manualmente, utilizando-se um par de cardas.

**Carregar o tear:** Colocar a teia no tear

**Dobar:** transformar a lã fiada em novelo.

**Empeirar:** Passar os fios da teia por entre os liços e o pente

**Enrolamento do velo:** forma de enrolar o velo após a tosquia e a desbordagem, com vista à sua correcta armazenagem. Consiste geralmente em fazer uma dobra em toda a altura de ambos os lados, juntando as abas ao centro e enrolando o velo da zona do rabo para o pescoço num enrolamento que ata solidamente o velo para poder ser transportado e armazenado.

**Escremear:** processo que consiste em abrir a lã com os dedos para remover impurezas e facilitar a cardagem

**Fuso:** instrumento de madeira de forma cónica que termina numa rosca na parte superior e que é utilizado para fiar fio.

**Lã ludra:** expressão local que se refere à lã suja, tal como foi tosquiada do animal.

**Lanolina:** gordura naturalmente presente na lã de ovelha.

**Liços:** o fio de linha em que passa a teia num tear. Os liços servem para separar as duas séries de fios que compõem a teia do tear.

**Maçaroca:** a lã acumulada no fuso ou caneleiro durante a fase de fição.

**Manelo ou pasta:** conjunto de lã resultante do processo de cardação. A pasta é colocada na roca para ser fiada

**Noveleiro:** caixa de madeira seccionada em compartimentos, 6, onde são colocados os novelos de lã por baixo da urdideira que tem como fim separar os fios que vão entrar na palheta ou espadilha

**Palheta ou espalhadeira:** Peça de madeira com cabo e orifícios onde são introduzidos o fios de lã. Este objecto serve para separar os fios durante a urdidura.

**Roca:** instrumento feito de madeira ou cana composto por um cabo central, de cerca de um metro de comprimento, encimado por um roquil, que suporta a pasta ou manelo de lã que se pretende fiar.

**Tear:** aparelho complexo onde se realiza o cruzamento dos fio, teia e trama que entram na confecção dos tecidos

**Tosquia:** remoção da lã da ovelha geralmente realizada por um tosquiador recorrendo a máquina ou tesoura.

**Transumância:** migração sazonal de rebanhos inteiros e dos seus pastores, para locais mais favoráveis ao pastoreio, habitualmente praticada em locais montanhosos.

**Urdideira:** estrutura composta por duas armações com prumos onde estão fixos tornos onde passam os fios e que permite a separação das duas séries do tear.

**Urdir:** preparar o fios para os dispor no tear da seguinte forma, paralelos entre si, de igual comprimento e separados em duas séries que descendo e subindo cada uma alternadamente operem o entrecruzamento da trama

**Velo:** lã que cobre o corpo do ovino, sendo a mesma designação dada à totalidade da lã que se obtém do animal após a tosquia.

“*não existe uma peça igual, cada peça é única*” além de vender para todo o país vende também para a Alemanha, para os Estados Unidos e para o Japão.

Quanto à continuidade do seu trabalho não se preocupa com esse facto, uma vez que não pretende abandonar esta atividade tão cedo, tem duas filhas a quem já ensinou a sua arte, e é como diz, “*se um dia precisarem o investimento está feito*”.

#### Agradecimentos

Maria dos Prazeres, Fátima Gomes, Manuel Fonseca, Jorge Façanha, Ricardo Paninho.

#### Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Cláudia; BRITO, Joaquim Pais de; MELO, Patrícia (2007) “Tecnologia Têxtil, Normas de Inventário, Lisboa: 1ª edição, Instituto Português de Museus.

Caetano, Lucília de Jesus, “A tecelagem artesanal na freguesia de Almalaguez: elementos para a sua caracterização etnográfica e sócio-económica, Cadernos de Geografia 2: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, disponível em <https://digitalis-dsp.uc.pt/bits-tream/10316.2/40358/1/A%20tecelagem%20artesanal%20na%20freguesia%20de%20Almalaguez.pdf> data da consulta a 2-11-2019.

COSTA, Paulo Ferreira da (2009) Museus e Património Imaterial: agentes, fronteiras, identidades, Lisboa, 1ª edição: Instituto dos Museus e da Conservação.

Kit de Recolha do Património Imaterial (2011), 1ª edição: Instituto dos Museus e Conservação

PEREIRA, António dos Santos “Bibliografia Portuguesa dos Lanifícios”; Revista Online do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior: Universidade da Beira Interior, disponível em <http://www.ubimuseum.ubi.pt/n02/docs/ubimuseum02/ubimuseum02.antonio-santos-pereira.pdf> data da consulta a 12-10-2019.

QUEROL, Lorena Sancho “Inventários de Património Imaterial: Buscando um Sistema de Gestão de Memória; UNIDCOM-IADE, disponível em <https://ler.letras.up.pt/uploads/fichei->

<ros/10390.pdf>, data da consulta a 12-10-2019.

OLVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamin, (1991) “Tecnologia Tradicional Portuguesa, O Linho”, Lisboa: 2ª edição, Instituto Nacional de Investigação Científica.

SOUSA, Filomena (2015) “Património Cultural Imaterial. Memóriamedia e-Museu-métodos, técnicas e práticas”, Alenquer: Memória Imaterial CRL.

<http://www.ovinosecaprinos.com/spoc.html> - Sociedade Portuguesa de Ovinotecnia e Caprinotecnia (Churra da Terra Quente Transmontana), data da consulta a 12-10-2019.



Código QR. Aponte o seu telemóvel com uma aplicação que permita leituras de códigos QR e ouça na íntegra os depoimentos orais de Fátima Gomes



Código QR. Aponte o seu telemóvel com uma aplicação que permita leituras de códigos QR e ouça na íntegra os depoimentos orais de Maria dos Prazeres



Código QR. Aponte o seu telemóvel com uma aplicação que permita leituras de códigos QR e ouça na íntegra os depoimentos orais de Ricardo Paninho



Código QR. Aponte o seu telemóvel com uma aplicação que permita leituras de códigos QR e veja o vídeo “Lã, da tosquia à manta tradicional”